



A Santa Sé

ENCONTRO COM OS CARDEAIS E COLABORADORES DA CÚRIA ROMANA
PARA A TROCA DE BONS VOTOS DE NATAL

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO

Sala Clementina

Segunda-feira, 22 de Dezembro de 2014

[Multimídia]

A Cúria Romana e o Corpo de Cristo

«Vós, que estais sobre os Querubins, mudastes a miserável condição do mundo, quando Vos fizestes como nós» (Santo Atanásio)

Queridos irmãos,

No final do Advento, encontramos-nos para as tradicionais saudações de Boas Festas. Dentro de alguns dias, teremos a alegria de celebrar o Natal do Senhor; o acontecimento de Deus que Se fez homem, para salvar os homens; a manifestação do amor de Deus que não Se limita a dar-nos alguma coisa nem a enviar-nos qualquer mensagem ou determinados mensageiros, mas dá-Se Ele mesmo a nós; o mistério de Deus que toma sobre Si a nossa condição humana e os nossos pecados para nos revelar a sua Vida divina, a sua graça imensa e o seu perdão gratuito. É o encontro com Deus, que nasce na pobreza da gruta de Belém, para nos ensinar a força da humildade. Na verdade, o Natal é também a festa da luz que não é aceite pelo povo «eleito», mas foi-o pelas pessoas pobres e simples que esperavam a salvação do Senhor.

Antes de mais nada, quero desejar a todos vós – colaboradores, irmãos e irmãs, Representantes Pontifícios espalhados pelo mundo – e a todos os vossos queridos um Santo Natal e um Ano

Novo feliz. Desejo agradecer-vos cordialmente pelo vosso empenho diário ao serviço da Santa Sé, da Igreja Católica, das Igrejas Particulares e do Sucessor de Pedro.

Uma vez que somos pessoas e não números ou meros nomes, recorro de maneira particular quantos, durante este ano, terminaram o seu serviço por razões de idade, por ter assumido outras funções, ou porque foram chamados para a Casa do Pai. Penso também em todos eles e nos seus familiares e exprimo-lhes a minha gratidão.

Desejo, juntamente convosco, elevar ao Senhor um vivo e sentido agradecimento pelo ano que está para nos deixar, pelos acontecimentos vividos e por todo o bem que Ele quis generosamente realizar através do serviço da Santa Sé, pedindo-Lhe humildemente perdão pelas falhas cometidas «*por pensamentos e palavras, actos e omissões*».

E, partindo precisamente deste pedido de perdão, queria que este nosso encontro e as reflexões que partilharei convosco se tornassem, para todos nós, apoio e estímulo para um verdadeiro exame de consciência que prepare o nosso coração para o Santo Natal.

Quando pensava neste nosso encontro, veio-me à ideia a imagem da Igreja como o Corpo Místico de Jesus Cristo. É uma expressão que, como explicou o Papa Pio XII, «deriva e quase brota daquilo que aparece com frequência exposto na Sagrada Escritura e nos Santos Padres».[1] A propósito, São Paulo deixou escrito: «Pois, como o corpo é um só e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, constituem um só corpo, assim também Cristo» (1 Cor 12, 12).[2]

Neste sentido, o [Concílio Vaticano II](#) lembra-nos que, «na edificação do Corpo de Cristo, existe diversidade de membros e de funções. É um mesmo Espírito que distribui os seus vários dons segundo a sua riqueza e as necessidades dos ministérios para utilidade da Igreja (cf. 1 Cor 12, 1-11).[3] Por isso, «Cristo e a Igreja são o “Cristo total” (*Christus totus*). A Igreja é uma com Cristo».[4]

Faz-nos bem pensar na Cúria Romana como um pequeno modelo da Igreja, isto é, como um «corpo» que procura, séria e diariamente, ser mais vivo, mais saudável, mais harmonioso e mais unido em si mesmo e com Cristo.

Na realidade, a Cúria Romana é um corpo complexo, formado por muitos Dicastérios, Conselhos, Departamentos, Tribunais, Comissões e por numerosos elementos que não têm todos a mesma tarefa, mas estão coordenados em ordem a um funcionamento eficaz, edificante, disciplinado e exemplar, não obstante as diferenças culturais, linguísticas e nacionais dos seus membros.[5]

Entretanto, sendo a Cúria um corpo dinâmico, não pode viver sem se alimentar e tratar. Com efeito, a Cúria – tal como a Igreja – não pode viver sem manter uma relação vital, pessoal,

autêntica e sólida com Cristo.[6] Um membro da Cúria que não se alimenta diariamente com semelhante Alimento tornar-se-á um burocrata (um formalista, um funcionalista, um mero funcionário): um ramo que pouco a pouco seca e morre e é lançado fora. A oração diária, a participação assídua nos sacramentos, especialmente na Eucaristia e na Reconciliação, o contacto diário com a Palavra de Deus e a espiritualidade traduzida em caridade vivida são o alimento vital para cada um de nós. Seja claro para todos nós que, sem Ele, nada poderemos fazer (cf. Jo 15, 5).

Em consequência, o relacionamento vivo com Deus alimenta e fortalece também a comunhão com os outros, isto é, quanto mais estivermos intimamente unidos a Deus, tanto mais estaremos unidos entre nós, porque *o Espírito de Deus une e o espírito do maligno divide*.

A Cúria é chamada a melhorar, a melhorar sempre, crescendo em *comunhão, santidade e sabedoria* para realizar plenamente a sua missão.[7] No entanto ela, como qualquer corpo, como todo o corpo humano, está sujeita também às doenças, ao mau funcionamento, à enfermidade. E aqui gostava de mencionar algumas destas prováveis doenças, doenças curiais: as doenças mais habituais na nossa vida de Cúria. São doenças e tentações que enfraquecem o nosso serviço ao Senhor. Creio que nos ajudará ter o «catálogo» das doenças – na esteira dos Padres do deserto, que faziam tais catálogos – de que falamos hoje: ajudar-nos-á a preparar-nos para o sacramento da Reconciliação, que constituirá, para todos nós, um bom passo a fim de nos prepararmos para o Natal.

1. *A doença de sentir-se «imortal», «imune» ou mesmo «indispensável»*, descuidando os controles habitualmente necessários. Uma Cúria que não se auto-critica, não se actualiza, nem procura melhorar é um corpo enfermo. Uma normal visita ao cemitério poder-nos-ia ajudar a ver os nomes de tantas pessoas, algumas das quais talvez pensassem que eram imortais, imunes e indispensáveis! É a doença do rico insensato do Evangelho, que pensava viver eternamente (cf. Lc 12, 13-21), e também daqueles que se transformam em patrões, sentindo-se superiores a todos e não ao serviço de todos. Tal doença deriva muitas vezes da patologia do poder, do «complexo dos Eleitos», do narcisismo que se apaixona pela própria imagem e não vê a imagem de Deus gravada no rosto dos outros, especialmente dos mais frágeis e necessitados.[8] O antídoto para esta epidemia é a graça de nos sentirmos pecadores e dizer com todo o coração: «Somos servos inúteis; fizemos o que devíamos fazer» (Lc 17, 10).

2. *A doença do «martismo» (que vem de Marta), da actividade excessiva*, ou seja, daqueles que mergulham no trabalho, negligenciando inevitavelmente «a melhor parte»: sentar-se aos pés de Jesus (cf. Lc 10, 38-42). Por isso, Jesus convidou os seus discípulos a «descansar um pouco» (cf. Mc 6, 31), porque descuidar o descanso necessário leva ao stresse e à agitação. O tempo do repouso, para quem levou a cabo a sua missão, é necessário, obrigatório e deve ser vivido seriamente: passar algum tempo com os familiares e respeitar as férias como momentos de recarga espiritual e física; é preciso aprender o que ensina Coélet: «Para tudo há um momento e

um tempo par cada coisa» (3,1).

3. *Há também a doença do «empedernimento» mental e espiritual*, ou seja, daqueles que possuem um coração de pedra e uma «cerviz dura» (Act 7, 51); daqueles que, à medida que vão caminhando, perdem a serenidade interior, a vivacidade e a ousadia e escondem-se sob os papéis, tornando-se «*máquinas de práticas*» e não «*homens de Deus*» (cf. Heb 3, 12). É perigoso perder a sensibilidade humana, necessária para nos fazer chorar com os que choram e alegrar-nos com os que estão alegres! É a doença daqueles que perdem «*os sentimentos de Jesus*» (cf. Flp 2, 5-11), porque o seu coração, com o passar do tempo, se endurece tornando-se incapaz de amar incondicionalmente o Pai e o próximo (cf. Mt 22, 34-40). De facto, ser cristão significa «*ter os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus*» (Flp 2, 5), sentimentos de humildade e doação, desprendimento e generosidade.^[9]

4. *A doença da planificação excessiva e do funcionalismo*. Quando o apóstolo planifica tudo minuciosamente e julga que, se fizer uma planificação perfeita, as coisas avançam efectivamente, torna-se um contabilista ou comercialista. É necessário preparar tudo bem, mas sem nunca cair na tentação de querer conter e pilotar a liberdade do Espírito Santo, que sempre permanece maior e mais generosa do que toda a planificação humana (cf. Jo 3, 8). Cai-se nesta doença, porque «é sempre mais fácil e confortável acomodar-se nas próprias posições estáticas e inalteradas. Na realidade, a Igreja mostra-se fiel ao Espírito Santo na medida em que põe de lado a pretensão de O regular e domesticar – domesticar o Espírito Santo! – (...) Ele é frescor, criatividade, novidade».^[10]

5. *A doença da má coordenação*. Quando os membros perdem a sincronização entre eles e o corpo perde o seu harmonioso funcionamento e a sua temperança, tornando-se uma orquestra que produz ruído, porque os seus membros não colaboram e não vivem o espírito de comunhão e de equipe. Quando o pé diz ao braço: «Não preciso de ti»; ou a mão à cabeça: «Mando eu», causando assim mal-estar e escândalo.

6. *Há também a doença do «alzheimer espiritual»*, ou seja, o esquecimento da «história da salvação», da história pessoal com o Senhor, do «primitivo amor» (Ap 2, 4). Trata-se de um progressivo declínio das faculdades espirituais, que, num período mais ou menos longo de tempo, causa grave deficiência à pessoa, tornando-a incapaz de exercer qualquer actividade autónoma, vivendo num estado de absoluta dependência dos seus pontos de vista frequentemente imaginários. Vemo-lo naqueles que perderam a memória do seu encontro com o Senhor; naqueles que não fazem o sentido deuteronómico da vida; naqueles que dependem completamente do seu presente, das suas paixões, caprichos e manias; naqueles que constroem em torno de si muros e costumes, tornando-se cada vez mais escravos dos ídolos que esculpiram com as suas próprias mãos.

7. *A doença da rivalidade e da vanglória*.^[11] Quando a aparência, as cores das vestes e as

insígnias de honra se tornam o objectivo primário da vida, esquecendo as palavras de São Paulo: «*Nada façais por ambição, nem por vaidade; mas, com humildade, considerai os outros superiores a vós próprios, não tendo cada um em vista os próprios interesses, mas todos e cada um exactamente os interesses dos outros*» (Flp 2, 3-4). É a doença que nos leva a ser homens e mulheres falsos e a viver um falso «misticismo» e um falso «quietismo». O próprio São Paulo define-os «*inimigos da cruz de Cristo*», porque «*gloriam-se da sua vergonha, esses que estão presos às coisas da terra*» (Flp 3, 18.19).

8. *A doença da esquizofrenia existencial.* É a doença daqueles que vivem uma vida dupla, fruto da hipocrisia típica do medíocre e do progressivo vazio espiritual que nem doutoramentos nem títulos académicos podem preencher. Uma doença que acomete frequentemente aqueles que, abandonando o serviço pastoral, se limitam às questões burocráticas, perdendo assim o contacto com a realidade, com as pessoas concretas. Deste modo criam um mundo paralelo seu, onde põem de lado tudo o que ensinam severamente aos outros e começam a viver uma vida escondida e muitas vezes dissoluta. A conversão é muito urgente e indispensável para esta gravíssima doença (cf. Lc 15, 11-32).

9. *A doença das bisbilhotices, das murmurações e das críticas.* Desta doença, já falei muitas vezes, mas nunca é demais. Trata-se de uma doença grave, que começa de forma simples, talvez por duas bisbilhotices apenas, e acaba por se apoderar da pessoa fazendo dela uma «*semeadora de cizânia*» (como satanás) e, em muitos casos, «*homicida a sangue frio*» da fama dos próprios colegas e confrades. É a doença das pessoas velhacas que, não tendo a coragem de dizer directamente, falam pelas costas. São Paulo adverte-nos: «*Fazei tudo sem murmurações nem discussões, para serdes irrepreensíveis e íntegros*» (Flp 2, 14-15). Irmãos, livremo-nos do terrorismo das bisbilhotices!

10. *A doença de divinizar os líderes:* é a doença daqueles que fazem a corte aos Superiores, na esperança de obter a sua benevolência. São vítimas do carreirismo e do oportunismo, honram as pessoas e não Deus (cf. Mt 23, 8-12). São pessoas que vivem o serviço, pensando unicamente no que devem obter e não no que devem dar. Pessoas mesquinhas, infelizes e movidas apenas pelo seu egoísmo fatal (cf. Gal 5, 16-25). Esta doença poderia atingir também os Superiores, quando fazem a corte a algum dos seus colaboradores para obter a sua submissão, lealdade e dependência psicológica, mas o resultado final é uma verdadeira cumplicidade.

11. *A doença da indiferença para com os outros.* Quando cada um só pensa em si mesmo e perde a sinceridade e o calor das relações humanas. Quando o mais experiente não coloca o seu conhecimento ao serviço dos colegas menos experientes. Quando se teve conhecimento de alguma coisa e guarda-se para si mesmo em vez de a partilhar positivamente com os outros. Quando, por ciúmes ou por astúcia, se sente alegria ao ver o outro cair, em vez de o levantar e encorajar.

12. *A doença da cara fúnebre*, ou seja, das pessoas rudes e amargas que consideram que, para se ser sério, é preciso pintar o rosto de melancolia, de severidade e tratar os outros – sobretudo aqueles considerados inferiores – com rigidez, dureza e arrogância. Na realidade, muitas vezes, a *severidade teatral* e o *pessimismo estéril*[12] são sintomas de medo e insegurança de si mesmo. O apóstolo deve esforçar-se por ser uma pessoa gentil, serena, entusiasta e alegre, que transmite alegria onde quer que esteja. Um coração cheio de Deus é um coração feliz que irradia e contagia com a alegria todos aqueles que estão ao seu redor: disso nos damos conta imediatamente! Assim, não percamos aquele espírito jubiloso, bem-humorado e até auto-irónico, que faz de nós pessoas amáveis, mesmo nas situações difíceis.[13] Quanto bem nos faz uma boa dose de *são humorismo*! Far-nos-á muito bem recitar frequentemente a oração de São Tomás More.[14] Eu rezo-a todos os dias; faz-me bem!

13. *A doença do acumular*, ou seja, quando o apóstolo procura preencher um vazio existencial no seu coração acumulando bens materiais, não por necessidade, mas apenas para se sentir seguro. Na realidade, nada de material poderemos levar connosco, porque «*a mortalha não tem bolsos*» e todos os nossos tesouros terrenos – mesmo que sejam presentes – não poderão jamais preencher aquele vazio, antes torná-lo-ão cada vez mais exigente e profundo. A estas pessoas, o Senhor repete: «*Dizes: “Sou rico, enriqueci e nada me falta” – e não te dás conta de que és um infeliz, um miserável, um pobre, um cego, um nu (...). Sê, pois, zeloso e arrepende-te*» (Ap 3, 17.19). A acumulação apenas torna pesado e retarda inexoravelmente o caminho! Vem-me ao pensamento uma anedota: Outrora os jesuítas espanhóis descreviam a Companhia de Jesus como a «*cavalaria ligeira da Igreja*». Lembro-me de um jovem jesuíta que mudava de casa e, ao carregar num camião os seus muitos haveres: malas, livros, objectos e presentes, ouviu um velho jesuíta, que o estava a observar, dizer para ele, com um sorriso sábio: E esta seria a «*cavalaria ligeira da Igreja*»? As coisas que transportamos são um sinal desta doença.

14. *A doença dos círculos fechados*, onde a pertença ao grupo se torna mais forte que a pertença ao Corpo e, nalgumas situações, ao próprio Cristo. Também esta doença começa sempre com boas intenções, mas, com o passar do tempo, escraviza os membros tornando-se um cancro que ameaça a harmonia do Corpo e causa um mal imenso – escândalos – especialmente aos nossos irmãos mais pequeninos. A auto-destruição ou o «*fogo amigo*» dos companheiros de armas é o perigo mais insidioso.[15] É o mal que fere a partir de dentro;[16] e, como diz Cristo, «*todo o reino dividido contra si mesmo será devastado*» (Lc 11, 17).

15. *E a última: a doença do lucro mundano, dos exibicionismos*,[17] quando o apóstolo transforma o seu serviço em poder, e o seu poder em mercadoria para obter lucros mundanos ou mais poder. É a doença das pessoas que procuram insaciavelmente multiplicar o seu poder e, para isso, são capazes de caluniar, difamar e desacreditar os outros, inclusive nos jornais e revistas; naturalmente para se exhibir e demonstrar-se mais capazes do que os outros. Também esta doença faz muito mal ao Corpo, porque leva as pessoas a justificar o uso de todo e qualquer meio contanto que alcancem tal fim, muitas vezes em nome da justiça e da transparência! Isto faz-me

recordar um sacerdote que chamava os jornalistas para lhes contar – e inventar – coisas privadas e confidenciais dos seus confrades e paroquianos. Para ele, contava apenas aparecer nas primeiras páginas, porque deste modo sentia-se *«forte e fascinante»*, causando tanto mal aos outros e à Igreja. Coitado!

Irmãos, naturalmente todas estas doenças e tentações são um perigo para todo o cristão e para cada cúria, comunidade, congregação, paróquia, movimento eclesial, e podem atingir seja a nível individual seja comunitário.

É preciso deixar claro que o único que pode curar qualquer uma destas doenças é o Espírito Santo, a alma do Corpo Místico de Cristo, como afirma o Credo Niceno-Constantinopolitano: *«Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida»*. É o Espírito Santo que sustenta todo o esforço sincero de purificação e toda a boa vontade de conversão. É Ele que nos faz compreender que cada membro toma parte na santificação do Corpo e no seu enfraquecimento. É Ele o promotor da harmonia.^[18] *«Ipse harmonia est»*: diz São Basílio. E Santo Agostinho observa: *«Enquanto uma parte adere ao corpo, a sua cura não é impossível; pelo contrário, o que foi cortado, não pode ser tratado nem curado»*.^[19]

A cura é fruto também da consciencialização da doença e da decisão pessoal e comunitária de se curar suportando, com paciência e perseverança, o tratamento.^[20]

Portanto, chamados – neste período de Natal e durante todo o tempo do nosso serviço e da nossa existência – a viver segundo *«a verdade no amor, cresceremos em tudo para Aquele que é a cabeça, Cristo. É a partir d'Ele que o Corpo inteiro, bem ajustado e unido, por meio de toda a espécie de articulações que o sustentam, segundo uma força à medida de cada uma das partes, realiza o seu crescimento como Corpo, para se construir a si próprio no amor»* (Ef 4, 15-16).

Queridos irmãos!

Li uma vez que os sacerdotes são como os aviões: são notícia apenas quando caem, mas há tantos que voam. Muitos criticam e poucos rezam por eles. É uma frase simpática mas também muito verdadeira, porque esboça a importância e a delicadeza do nosso serviço sacerdotal e o grande mal que um só sacerdote que «cai» pode causar a todo o corpo da Igreja.

Assim, para não cair nestes dias em que nos preparamos para a Confissão, peçamos à Virgem Maria, Mãe de Deus e Mãe da Igreja, que cure as feridas do pecado que cada um de nós traz no seu coração e que sustente a Igreja e a Cúria a fim de serem sãs e sanadoras, santas e santificadoras, para glória do seu Filho e para a salvação nossa e do mundo inteiro. Peçamos-Lhe que nos faça amar a Igreja como Cristo, seu Filho e nosso Senhor, a amou e que tenhamos a coragem de nos reconhecer pecadores e necessitados da sua Misericórdia e que não tenhamos medo de deixar a nossa mão entre as suas mãos maternas.

Formulo os melhores votos de um Santo Natal para todos vós, vossas famílias e vossos colaboradores. E, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim! Do fundo do coração, obrigado!

[1] Pio XII diz que a Igreja, sendo *mysticum Corpus Christi*, «exige também uma multidão de membros, de tal maneira unidos entre si que se ajudem mutuamente. E, como no nosso organismo mortal, quando um membro sofre, os outros sentem a sua dor e acorrem em seu auxílio, assim também na Igreja os vários membros não vivem cada um para si mesmo, mas dão ajuda também aos outros, prestando colaboração recíproca quer para mútuo conforto quer para um desenvolvimento cada vez maior de todo o Corpo (...) um Corpo constituído não por um aglomerado qualquer de membros, mas deve estar fornecido de órgãos, ou seja, de membros que não tenham todos a mesma tarefa, mas estejam devidamente coordenados; assim, devido a isso mesmo, a Igreja, deve chamar-se corpo, porque resulta de uma recta disposição e coerente união de membros diferentes entre si» [Enc. *Mystici Corporis*, I parte: AAS 35 (1943), 200].

[2] Cf. *Rm* 12, 5: «Assim acontece connosco: os muitos que somos formamos um só corpo em Cristo, mas, individualmente, somos membros que pertencem uns aos outros».

[3] Const. dogm. *Lumen gentium*, 7.

[4] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 795. Devemos ter presente que «a comparação da Igreja com um corpo lança uma luz particular sobre a ligação íntima existente entre a Igreja e Cristo. Ela não está somente reunida à volta d'Ele: está unificada n'Ele, no seu corpo. Na Igreja, Corpo de Cristo, são de salientar mais especificamente três aspectos: *a unidade de todos os membros entre si, pela união a Cristo; Cristo, Cabeça do Corpo; a Igreja, Esposa de Cristo*» (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 789).

[5] Cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 130-131.

[6] Várias vezes Jesus deu a conhecer a união que os fiéis devem manter com Ele: «*Tal como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, mas só permanecendo na videira, assim também acontecerá convosco, se não permanecerdes em Mim. Eu sou a videira; vós, os ramos*» (Jo 15, 4-5).

[7] Cf. Const. ap. *Pastor Bonus*, art. 1; *Código de Direito Canónico*, cân. 360.

[8] Cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 197-201.

[9] BENTO XVI, *Catequese*, na Audiência Geral de 1 de Junho de 2005.

[10] *Homilia na Santa Missa* (Turquia, 30 de Novembro de 2014).

[11] Cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 95-96.

[12] Cf. *Ibid.*, 84-86.

[13] Cf. *Ibid.*, 2.

[14] Senhor, dai-me uma boa digestão e qualquer coisa também para digerir. Dai-me a saúde do corpo e o bom humor necessário para a manter. Dai-me, Senhor, uma alma simples que saiba aprender com tudo o que é bom e não se assuste à vista do mal, antes encontre sempre o modo de colocar cada coisa no seu lugar. Dai-me uma alma que não conheça o tédio, os resmungos, os suspiros, os lamentos, e não permitais que me preocupe excessivamente com esta coisa demasiado embaraçante que se chama «eu». Dai-me, Senhor, o sentido do bom humor. Concedei-me a graça de compreender uma brincadeira para descobrir na vida um pouco de alegria e partilhá-la também com os outros. Amen.

[15] Cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 88.

[16] Um dia, referindo-se à situação da Igreja, o Beato Paulo VI afirmou ter a sensação de que, «por alguma frincha, entrara *o fumo de satanás no templo de Deus*»: *Homilia* na solenidade dos Apóstolos São Pedro e São Paulo (29 de Junho de 1972). Cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 98-101.

[17] Cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 93-97 (Não ao mundanismo espiritual).

[18] «O Espírito Santo é a alma da Igreja. Ele *dá a vida, suscita os diversos carismas* que enriquecem o povo de Deus e sobretudo *cria a unidade* entre os crentes: de muitos faz um único corpo, o corpo de Cristo. (...) O Espírito Santo faz a unidade da Igreja: unidade na fé, unidade na caridade, unidade na coesão interior» (*Homilia na Santa Missa*, Turquia, 30 de Novembro de 2014).

[19] *Sermão* 137, 1: *Migne P. L.*, 38, 754.

[20] Cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 25-33 (Pastoral em conversão).